

## Corpos Políticos: a importância da estética em meio à construção das narrativas de mulheres negras e gordas

*Cuerpos Políticos: la importancia de la estética en medio de la construcción de las narrativas de mujeres negras y gordas*

*Political Bodies: the importance of aesthetics in the construction of the narratives of black and fat women*

**Maria Luiza Reis Mendonça**

**Resumo:** O artigo busca trazer reflexões acerca da importância da estética junto à corporeidade negra e gorda e como esse processo de construção identitária reflete no caráter visual. Assim, a problemática abordada aqui é: como mulheres negras e gordas se dispõem da linguagem corporal para construir suas narrativas e ferramenta política na luta antirracista e anti-gordofobia. A pesquisa realizou-se através de um levantamento bibliográfico de estudos que se aproximem de tal temática, pelo contato com mulheres organizadas em coletivos, além da observação de perfis dessas mulheres em redes sociais. Logo, a estética como construção sociocultural influencia nosso parecer acerca do belo, atua nas relações de poderes, sobretudo, em relação a grupos historicamente marginalizados.

**Palavras-chave:** Estética Negra. Mulheres Negras e Gordas. Construção Identitária.

**Resumen:** El artículo busca traer reflexiones sobre la importancia de la estética con la corporeidad negra y gorda y cómo este proceso de construcción de identidad se refleja en el carácter visual. Por lo tanto, el problema que se aborda aquí es: cómo las mujeres negras y gordas tienen un lenguaje corporal para construir sus narrativas y herramientas políticas en la lucha contra el antirracista y la gordofobia. La investigación se realizó a través de una encuesta bibliográfica de estudios que abordan este tema, mediante el contacto con mujeres organizadas en grupos, además de la observación de los perfiles de estas mujeres en las redes sociales. Por lo tanto, la estética como construcción sociocultural influye en nuestra opinión sobre lo bello, actúa en las relaciones de poder, especialmente en relación con los grupos históricamente marginados.

**Palabras clave:** Estética Negra. Mujeres Negras y Gordas. Construcción Identitaria.

**Abstract:** The article seeks to bring reflections about the importance of aesthetics with black and fat corporeity and how this process of identity construction reflects in the visual character. Thus, the problem addressed here is: how black and fat women have body language to build their narratives and political tool in the fight against anti-racist and anti-gordofobia. The research was carried out through a bibliographical survey of studies that approach this subject, by the contact with women organized in groups, besides the observation of profiles of these women in social networks. Therefore, aesthetics as a socio-cultural construction influences our opinion about the beautiful, acts in the relations of power, especially in relation to historically marginalized groups.

**Keywords:** Black Aesthetics. Black and Fat Women. Identity Construction.

**Maria Luiza Reis Mendonça** – Graduada em Licenciatura Plena em História pela Universidade do Estado do Pará (UEPA). Membro da linha de pesquisa Culturas, Etnias e Identidades do Grupo de Pesquisa Amazônia: História, Culturas e Identidades. Atuou como estagiária no Projeto Arqueológico Carajás (PACA) no Museu Paraense Emílio Goeldi-Campus de Pesquisa (MPEG), em trabalhos de curadoria e análise de cultura material (cerâmica). Pesquisa sobre a construção da identidade étnica através da cultura material. Atuando em áreas de pesquisa com temas acerca da arqueologia amazônica, gênero e sexualidade, antropologia visual, estética negra e história e memória. E-mail: [marialuizahist@gmail.com](mailto:marialuizahist@gmail.com)

## INTRODUÇÃO

Atualmente, ser mulher e ser negra no Brasil ainda significa estar inclusa num ciclo de marginalização e discriminação social e racial. Tais fatores resultam de um longo processo histórico de formação da sociedade brasileira, que necessita ser analisado no intuito de buscar soluções equacionadoras para antigos e atuais estigmas e dogmas. Ser negro é o marcador de diferença crucial; agora, ser uma mulher negra, gorda e periférica – neste caso, moradoras de regiões periféricas –, serve de bagagem para que esse corpo seja marginalizado ainda mais em uma sociedade na qual a opressão, o racismo, a discriminação e a misoginia persistem. Ainda é evidente certa generalização de que os negros são todos iguais. Somos estereotipados a um grupo homogêneo, sem levar em consideração que cada corpo carrega em si uma territorialidade de negritude, isto é, a verdadeira negritude em movimento.

Diante de tais aspectos, é evidente como uma das principais formas sociais de afirmação identitária é a aparência, e, por meio do vestuário e da moda, reproduzimos formas estereotipadas de representação das identidades ou subvertemos essas mesmas normas arbitrárias (BARRETO & SILVA, 2015, p.41).

O interesse pela pesquisa, inicialmente, se sucedeu não somente por eu estar inserida em tal realidade, sendo mulher negra e gorda, periférica, mas, sobretudo, por ser uma questão atual de necessária ênfase para se romper com diversos estigmas enraizados quando se debate a interseccionalidade entre gênero, raça e classe, do qual muitas mulheres ainda lutam para serem reconhecidas de diversas formas como tais.

A relação com meu corpo tornou-se conflituosa desde cedo, com 11-12 anos já frequentava a sessão adulta feminina das lojas de departamento, o que me causou desconforto por um longo período, resultando em futuros transtornos, tanto alimentares quanto psicológicos. Crescer negra e gorda numa sociedade que padroniza os corpos a um ideal de beleza eurocêntrica não foi fácil, e sim doloroso, ainda mais em um ambiente familiar rodeado por homens e no qual a única presença feminina era uma mulher branca. Logo, tanto no ambiente familiar e social em que eu cresci, predominaram ideias de beleza branca; sendo assim, por vezes, meus traços étnicos não foram valorizados e a representatividade tornou-se ausente, ausência essa que foi reforçada ainda mais pelo canal midiático.

No ambiente escolar não foi diferente. Chacotas e piadas constantes sobre meu cabelo e cor da pele, aliadas ao meu peso, fizeram com que eu me mantivesse excluída e não reconhecesse a beleza que havia em mim. Foi um longo processo de negação e, posteriormente, autoafirmação diante das contínuas imposições sobre minha negritude. Tais aspectos, somados às vivências pessoais, me levaram ao interesse por tal temática, sobretudo por ter me reafirmado como mulher negra através da estética e como a mesma é fundamental na luta antirracista, nesse caso, também, na luta anti-gordofobia, no sentindo de se afirmar num corpo que é constantemente marginalizado, logo, utilizando-o como um instrumento político.

Durante a construção da presente pesquisa, foi notável a escassez de trabalhos referentes a tal temática – ainda mais quando se fala do corpo negro e gordo –, corpo este que, quando se afirma como tal, é vinculado a uma carga e poder excessivamente negativos, ou seja, uma construção negativa da identidade, do qual, quando se quer debater e se tomar decisões sobre nosso corpo, a gordura, por vezes, vem antes mesmo da nossa opinião, ou seja, uma questão ligada à gordofobia, que ainda é um tabu atual e dos quais poucas pessoas se atrevem a esclarecer.

## 1. A presença negra na região amazônica

Por muito tempo, quando foram discutidas questões acerca da constituição sócio histórica do papel dos africanos e afrodescendentes na formação da região amazônica, tornou-se presente e reforçada uma imagem mistificada de que na Amazônia não habitavam outros povos além de indígenas. É nesse sentido que obras como *O negro na formação da sociedade paraense* e *O negro no Pará sob o regime de escravidão* de Vicente Salles, entre outros, atuam no processo de desconstrução de tal imagem.

É inegável a contribuição sociocultural africana na Amazônia, contribuição essa que se manifesta nos chamados “folguedos”, na culinária, no vocabulário, ou seja, nos mais diversos aspectos da manifestação regional; no entanto, pelo menos no Pará, não se observa a sobrevivência de um culto puramente africano devido à convergência de elementos culturais que acabaram gerando um sincretismo (SALLES, 2015).

Qualquer amostragem de dados etnográficos e folclóricos comprovará que o negro contribuiu, em larga escala, para dar mais amplo embasamento à cultura regional. Uma prova disso é a lúdica amazônica, essencialmente negra. (SALLES, 2005, p.93).

Discutir os caminhos trilhados e estabelecidos pela comunidade negra na Amazônia é, antes de tudo, ter a consciência da diferenciação semântica dos termos africanos, negros e escravos. Sendo assim, o escravo é aquele que permaneceu ou permanece numa condição do qual acabam por submeter outros homens, isto é, escravos são homens escravizados, para que possamos evitar equívocos de se pensar que escravo é sinônimo de negro ou africano.

É fundamental não se ter a percepção de que esses caminhos se iniciam somente com o processo de colonização, do qual, devido a análises socioculturais acerca dos negros junto às suas africanidades remeterem a um itinerário desde seu continente de origem: a África, continente esse que, entre os séculos XV e XIX, foi consumido, tomado e configurado como lugar de mão-de-obra escrava, traficada pelas mais diversas nacionalidades, principalmente europeia.

O comércio negreiro que se estabeleceu na Europa, posteriormente, às Américas e, logo mais, no Brasil – que se tornou um dos principais consumidores dessa mão-de-obra –, também teve em Portugal um dos primeiros países nesse comércio, facilitado pelo domínio que detinha em torno de terras africanas.

E, dessa forma, se desenvolveria o esquema de subordinação, opressão e violência das mais diversas magnitudes em torno da captura de negros oriundos do continente africano, do qual foram carregados em navios tumbeiros, em péssimas condições de sobrevivência, em direção às colônias portuguesas brasileiras, justificado por Portugal como uma tentativa de defesa das posses de terra contra a ameaça estrangeira. Sendo assim, o tráfico negreiro desenvolveu-se com a essencial fonte de reabastecimento dessa mão-de-obra em meio à história de um Brasil, tanto colonial quanto imperial, marcado por controle, vigilância e punição a toda e qualquer maneira e ações que colocassem em risco o sistema vigente.

Dentre as comunidades negras que foram trazidas para o território brasileiro, acabaram se sobressaindo aqueles tipos tidos como fortes e de maior vigor, conseqüentemente, recepcionados como animais, objetos, nada além de mercadorias, muito menos considerados como integrantes de

uma sociedade, sendo que suas costas carregam o mais pesado e complexo trabalho, integrados à realidade brasileira, ausentes de direitos, no entanto, com muitos deveres.

Elucidar a presença negra na Amazônia é recorrer a trabalhos e perceber como, até o século XX, os estudos se restringiram ao negro nas regiões Sudeste e Nordeste, o que acabou gerando certa mistificação da inexistência e pouca representatividade da comunidade negra e quilombola. Assim, até meados da década de 60 do século passado, a Amazônia foi encarada como majoritariamente indígena, com uma população pouco numerosa e dispersa.

## 2. A questão da identidade negra

Segundo Bauman (2005), a compreensão de identidade é uma entidade abstrata, virtual e sem existência concreta. A identidade possui por significado uma dimensão conflitiva, no entanto é primordial como quesito de referência para os variados grupos sociais, por unir na diversidade e permanecer na mudança, ou seja, para este autor a ausência do conflito perde a importância da busca por um marco legal de territórios culturais onde é preciso reconhecer que as diferenças são importantes para que as transformações aconteçam. Dessa maneira, o conflito não é algo a se desprezar e sim o ponto de partida para que haja uma busca para o reconhecimento, pois a cultura e identidade são vivas, e não estáticas. Munanga (1994), ao falar sobre identidade, destaca:

(...) a identidade é uma realidade sempre presente em todas as sociedades humanas. Qualquer grupo humano, através do seu sistema axiológico sempre selecionou alguns aspectos pertinentes de sua cultura para definir-se em contraposição ao alheio. A definição de si (auto definição) e a definição dos outros (identidade atribuída) têm funções conhecidas: a defesa da unidade do grupo, a proteção do território contra inimigos externos, as manipulações ideológicas por interesses econômicos, políticos, psicológicos, etc. (MUNANGA, 1994, p.177-178).

Dessa forma, o conceito de identidade, percebido como reconhecimento de pessoas ou grupos sociais, presume inconscientemente a concepção de alteridade, já que aquele só se constrói através desta. E se existe um “eu” e um “outro”, os fatores que possibilitem o conflito, ou disputa de poder, já estarão instalados.

No estudo de Gomes (2008), a autora afirma que entende a identidade negra como um movimento que não se dá apenas a começar do olhar de dentro, do próprio negro sobre si mesmo e seu corpo, mas, também, na relação com o olhar do outro, do que está fora; esta relação ela descreve como tensa, conflituosa e complexa.

Ainda são evidentes diversas implicações dissonantes da suposta democracia racial<sup>1</sup> brasileira além das teorias de branqueamento<sup>2</sup> de um Brasil colonial que resultaram em uma “indefinição racial” respaldada pela concepção de mestiçagem, posteriormente, em uma negação da diversidade,

<sup>1</sup> Democracia racial foi uma ideia muito difundida na metade do século XX, adotada inicialmente pelo antropólogo norte-americano Charles Wagley, do qual o sociólogo brasileiro Gilberto Freire, com o sentido de “democracia étnica” em seu livro *Casa Grande & Senzala*, aborda uma falsa ideia que não existiria conflitos raciais e sim que brancos e negros viveriam de forma pacífica e amistosa, nesse caso, entre senhores e escravos.

<sup>2</sup> A teoria do branqueamento ou do “embranquecimento” foi influenciada por teses eugenistas que vigoraram entre os séculos XIX e XX de que haveria um padrão genético de supremacia da raça humana, padrão esse representado pelo ideal branco, logo, diante do processo de miscigenação da população brasileira, a teoria do branqueamento seria uma forma de alcançar essa superioridade racial através de estágio, até eliminar, progressivamente, raças tidas como inferiores.

e, notadamente, da existência de uma negritude. Sendo assim, tal análise não deve recair em uma visão maniqueísta, frequentemente dita, na qual o negro brasileiro não se aceita.

No entanto, reconhecer e compreender que a devida postura reflete, em parte, décadas de exclusão e a conseqüente negação de todos e todas da população negra, principalmente, pela associação às representações pejorativas e constantemente ligadas ao que é ruim. Isto é, influenciada pelos mais variados tipos de racismos que se exprimem no cotidiano, nas experiências relatadas, levando-nos a refletir sobre a complexidade do identificar-se como negro, do qual Munanga (2004) expõe:

Parece simples definir quem é negro no Brasil, mas, num país que desenvolveu o desejo de branqueamento, não é fácil apresentar uma definição de quem é negro ou não. Há pessoas negras que introjetaram o ideal de branqueamento e não se consideram como negras. Assim, a questão da identidade do negro é um processo doloroso. (MUNANGA, 2004, p. 52).

Dessa forma, se afirmar como sendo negro ou negra é, ao mesmo tempo, um longo processo doloroso individual e social. A questão do ser negro e ser negra, ainda que sejam experiências marcadas de formas semelhantes, possuem suas distinções, principalmente ao que se refere ao esquema corporal.

O que falar do corpo como uma linguagem própria que informa e dialoga? Corpo esse, como aborda Foucault, "é uma jaula desagradável, na qual terei que me mostrar e passear. É através de suas grades que eu vou falar, olhar, ser visto. Meu corpo é o lugar irremediável a que estou condenado" (2010, p.01). Sendo assim, é o principal meio do qual nos diferenciamos dos outros, por onde somos vistos, observados e conseqüentemente julgados; tomou-se um caminho pelo qual as sensações e percepções que possuímos de nós, das pessoas e das coisas que nos cercam se internalizam e, assim, se fundamentam como estrutura de definições que pré-estabelecemos sobre a diferença, ou seja, sobre o outro.

Gomes (2008) evidencia que não somente em outros processos identitários, mas também quando condiz à identidade negra, a mesma se constrói gradativamente, num movimento que envolve diversas variáveis. Já que a identidade negra é uma construção social, histórica e cultural, do qual o sujeito se reconhece na conjunção de um grupo étnico/racial por meio da sua história, cultura e relações estabelecidas com o outro.

Sendo assim, neste trabalho entendemos como identidade racial negra uma longa relação conflituosa na busca de afirmação e reafirmação diante de processos e interferências internas e externas do meio em que vivemos. O cenário das diferenças é primordial para análise que envolve toda esfera de comportamento humano, entendendo, assim, percepções culturais étnicas que demarcam territórios de existência.

### **3. A corporeidade de mulheres negras e o imaginário social da estética**

No momento que nos posicionamos diante de espelho ou superfícies que refletem nossa imagem, nossa reação imediata talvez não seja compor reflexões sobre o que estaríamos enxergando, no entanto, a tendência é querer parecer/se sentir bem; esse "estar bem" pode levar a múltiplos sentidos dependendo do sujeito em questão. Estar bem para tudo que envolve o universo cotidiano.

Um simples gesto que ocasiona uma série de reflexões e indagações: como eu me vejo? Como eu me identifico? Como me veem? Nesse sentido, espelho parece ser o suporte inicial para entendermos algumas dessas questões, sobretudo o nosso próprio corpo como uma linguagem própria que informa e dialoga.

Segundo Mauss (2003) em *As Técnicas do Corpo*, estas são as maneiras através das quais as pessoas buscam “servir-se do seu corpo”, maneiras essas que estão inscritas em um conjunto de regras sociais que, em alguns contextos, podem ser chamadas de educação.

Pierre Bourdieu (1987), durante o processo das análises dos mecanismos que distinguem os indivíduos, alega que uma sociedade diferenciada não se estabelece somente por se diferir do que é comum, mas sim por agir diferencialmente; nesse sentido, a relação de distinção se encontra no corpo, sendo este um bem simbólico que recebe valores distintos de acordo com o mercado no qual está inserido.

É notável como o corpo negro, por longos períodos, foi associado a uma ideia de funcionalidade diante de uma estrutura social escravocrata, ou seja, um corpo que, acima de tudo, é um instrumento, um objeto de trabalho do qual não apresenta beleza a ser posta, muito menos apreciada. O que acabou por ocasionar uma concepção generalizada e aprisionada que reforça estereótipos que são apoiados na imagem de uma população negra, cuja realidade é reduzida ao trabalho, sobretudo, físico, negando-lhes o reconhecimento de sua estética enquanto bela. E é dessa marginalidade que desponta situações do qual o "medo" oferece o teor das relações socioculturais entre negros e brancos.

No caso da sociedade brasileira, é necessário investigar momentos históricos que nos ajudem na compreensão dessas maneiras, de servir-se do próprio corpo e como se estabeleceram. Nesse sentido, podemos direcionar, inicialmente, uma análise em torno do século XIX, um período onde muitas teorias racialistas se organizaram, isto é, a fase no qual o racismo científico<sup>3</sup> deteve maior relevância, e também pela transição da população negra da condição de escrava para livre, com a abolição em 1888.

A exemplo dos resultados desse racismo científico, pode-se citar Sarah Baartman, a conhecida Vênus Negra, nascida numa região pertencente atualmente à África do Sul, do qual foi exposta como atração em circos, feiras e, posteriormente, em museus na França do século XIX. O caso de Sarah também ilustrou teorias racistas e eugenistas de que os negros se assemelham a macacos – além de ter seu corpo espetacularizado e coisificado, também foi tida como objeto de teorias médicas a fim de refutar a superioridade da raça branca, exemplificadas até mesmo depois de sua morte, em que seus órgãos foram expostos e comparados ao animalesco.

Os aspectos que envolveram o caso de Sarah Baartman foram devido a sua distinção simbolizada por atributos físicos diferenciados do padrão vigente europeu, sobretudo no que tange à sexualidade. Também, como apontou Braga (2015), aludindo à figura de Vênus, que no decorrer da história se tornou a representação do feminino, do belo e do corpo, deslocando-se do denominado belo na época. O corpo de Sarah era considerado distinto por apresentar nádegas consideradas desproporcionais e uma pele excessiva nos pequenos lábios, mas também por ser africana. Aspectos que a garantiam como atração exótica, quase animalesca.

<sup>3</sup> Os desdobramentos do racismo científico durante o século XVII, no Brasil, assim como suas consequências políticas e sociais se efetivaram no momento em que as teorias raciais deram status científico às desigualdades entre os seres humanos e, por meio do conceito de raça, puderam classificar a humanidade, fazendo uso de sofisticadas taxonomias (SCHWARCZ, 2015).

Sarah, como tantas outras mulheres negras em diáspora, trazia consigo no corpo as marcas particulares de um pertencimento racial e étnico. Assim como diversas mulheres negras, Sarah também foi posicionada no lugar do que é exótico; um entre lugar, por não ser feio, nem bonito, mas sim tido como o diferente.

É evidente que, diante das mais variadas formas de afirmação identitária, a aparência através do vestuário é fundamental nesse processo, é por meio dessa linguagem corporal que reproduzimos maneiras estereotipadas de representação das identidades, isto é, como percebemos o “outro e até mesmo subvertemos normas arbitrárias”.

Os padrões de beleza, sendo formas impostas de normatividade em torno do corpo alheio, se constituem como uma uniformidade do qual, por meio da repetição contínua, busca submeter os corpos a um regime de controle, que menos tem a ver com o que é considerado belo do que com o que é considerado aceitável.

É contra essa “padronização” que os mais diversos grupos que “fogem” a esse modelo se dedicam em alcançar posições sociopolíticas que os levem a uma redefinição de suas relações com os demais segmentos presentes na sociedade. E esse processo pode ser notável quando nos debruçamos à realidade da população negra.

A indústria da moda e seus diversos elementos ainda mantêm o negro e sua cultura na invisibilidade e legitima a exclusão da população negra em vários espaços, do qual todo o conjunto de símbolos e ícones de pertencimento dos mesmos é hostilizado, mas, quando são utilizados pelo branco, é sinônimo de estilo. Dessa forma, a referência sobre a cultura negra só existe quando é oportuno, não existindo um reconhecimento natural sobre ela.

É inegável como a miscigenação utilizada como um instrumento eficaz de embranquecimento através de hierarquias estatais configurou uma ausência identitária e, até mesmo, confusão racial. É através do aprisionamento de estereótipos sobre a comunidade negra que o racismo opera, se apontarmos como exemplo o canal midiático, campanhas publicitárias, isso é mais sólido. Sueli Carneiro evidencia:

Branco, não. São individualidades, são múltiplos, complexos, e assim devem ser representados. Isso é demarcado também no nível fenótipo, em que se valoriza de diversidade da branquitude: morenos de cabelos castanhos ou pretos, loiros, ruivos são diferentes matrizes da branquitude que estão perfeitamente incluídos no interior da racialidade branca, mesmo quando apresentam alto grau de morenidade, como ocorrem com alguns espanhóis, italianos ou portugueses, os quais, nem por isso, deixam de ser considerados ou de se sentir brancos. A branquitude é, portanto, diversa e policromática. A negritude, no entanto, padece de toda sorte de indagações. (CARNEIRO, 2002, p.70).

É nesse sentido que chegamos ao ponto crucial do presente trabalho: a estética como forma de agenciamento político. Debate esse que ainda gera muitas questões se a estética realmente é empoderamento, pergunta essa que diante dos grupos oprimidos que tiveram suas histórias apagadas, seus corpos marginalizados diante do mundo e espaço que é reservado para os racialmente hegemônicos, são mais do que confirmados e válidos: estética é sim empoderamento e instrumento eficaz na luta antirracista, mas, sobretudo, no caso das agentes citadas nesse texto, também na luta anti-gordofobia.

#### 4. A importância da estética na construção e reafirmação de identidades

Inicialmente, é necessário ressaltar as noções sobre o que seria a estética, palavra essa que se origina do grego *aisthesis*, em linha geral, atribuída à sensação ou percepção, sendo uma das partes da Filosofia que estuda tudo aquilo que seremos ensinados a designar que seria tido como belo, carregando junto percepções e emoções que esse caráter do que é belo produz. Logo, sendo uma percepção construída por um caráter sociocultural, pode ser facilmente manipulada e questionada, resultando em ideais de beleza configurados ao longo da história, nesse caso, o eurocêntrico é tido como o exemplo a ser apreciado e atingido.

Quando se constrói padrões estéticos traçados por hierarquias, em qualquer âmbito que seja – nesse caso, por raça e gênero –, acaba por se estabelecer, também, outras formas de dominação e opressão, já que se cria o binarismo daquele que virá a ser aceito e aquele não será, ou seja, aqueles que serão admirados e os que serão excluídos, ocasionalmente ocorridos com o fenótipo negro, prevalecendo, assim, o ideal de beleza que é socialmente desejado: o branco, mas não somente branco, o magro também.

Desde pequenas, nossas imagens enquanto mulheres negras, sejam gordas ou não, são negativamente distorcidas; somos influenciadas pelo olhar colonizado, causando-nos, por vezes, um sentimento de inferioridade diante das diversas opressões intercaladas quando se é mulher negra, o que vai se agravando com a agregação de outros atributos, como ser negra e periférica e, também, orientação sexual, práticas religiosas, entre outros. Como explica Luiza Bairros em *Nossos Feminismos Revisitados*:

A experiência da opressão sexista é dada pela posição que ocupamos numa matriz de dominação onde raça, gênero e classe social interceptam em diferentes pontos. Assim, uma mulher negra trabalhadora não é triplamente oprimida ou mais oprimida do que uma mulher branca na mesma classe social, mas experimenta a opressão a partir de um lugar que proporciona um ponto de vista sobre o que é ser mulher numa sociedade racista e sexista. Considero essa formulação particularmente importante não apenas pelo que ela nos ajuda a entender diferentes feminismos, mas pelo que ela nos permite pensar em termos de movimentos negros e mulheres negras no Brasil. Este seria fruto da necessidade de dar expressão a diferentes formas da experiência de ser negro (vivida através do gênero) e de ser mulher (vivida através da raça) o que torna supérfluas discussões a respeito de qual seria a prioridade do movimento de mulheres negras: luta contra o sexismo ou contra o racismo? – Já que as duas dimensões não podem ser separadas. Do ponto de vista da reflexão e das ações políticas uma não existe sem a outra. (BAIRROS, 1995, p.461).

O que falar, então, de um corpo que não é somente negro, mas também é gordo? Uma mulher negra e gorda vai ter a gordofobia potencializada pelo racismo. Fato esse observável em páginas criadas em redes sociais que ridicularizam a população negra, como “todo dia um negro passando vergonha”, do qual o discurso de ódio era mais forte quando as pessoas negras ali também eram gordas, sendo a grande maioria dos alvos mulheres.

Crescemos escutando sobre o quanto a ideia do estar bonita e atraente é fundamental, somos imersas em um padrão de beleza limitado que nos diminuem e desvalorizam as diversas outras be-



lezas existentes em detrimento de um referencial eurocêntrico, logo, a que é mais retratada. Existir apenas um tipo de representação contribui para o enfraquecimento da autoestima, justamente por olharmos os mais diversos canais midiáticos e cibernéticos e não reconhecer alguém que se assemelhe a nós, porque queremos nos ver, nos identificar. Desta forma, concordamos com Djamila Ribeiro em *O que é lugar de fala?*, quando ela diz:

É preciso perceber como o colonialismo reifica as identidades e como não é possível fazer um debate amplo sobre um projeto de sociedade sem enfrentar o modo pelo qual certas identidades são criadas dentro da lógica colonial. [...] O objetivo principal de confrontarmos a norma, não é meramente falar de identidade, mas desvelar o uso que instituições fazem das identidades para oprimir ou privilegiar. O que se quer com esse debate, fundamentalmente, é entender como poder e identidades funcionam juntos a depender de seus contextos e como o colonialismo além de criar, deslegitima ou legitima certas identidades (RIBEIRO, 2017, p.31).

Quando se deslegitima certas identidades em detrimentos de outras, especificamente quando se trata de mercado *Plus size*, se evidencia que esse mercado por vezes desconhece seu próprio público alvo e o trata de forma desdenhosa, isso é refletido quando entramos em lojas voltadas para tamanhos grandes e as vendedoras são magras e não são preparadas para tal atendimento; além do mais, os risos, cochichos, olhares de deboche são constantes quando aquele “maior tamanho” não entra no braço, no quadril.

Uma série de abusos diários em relação ao que se escuta sobre o que fica bom ou não em nossos corpos: “já que você não possui bumbum, essa calça deve servir”, “já que seu quadril é muito grande, esse short não vai caber”, “essa blusa aqui pode ajudar disfarçar a barriga avantajada”, “roupas em tons mais escuros vão favorecer a gordura que tu deves esconder”, “roupas listradas aumentam seu volume”, “não trabalhamos com seu tamanho”.

Logicamente, mulher gorda alguma irá se identificar com as mesmas mulheres magras que as lojas físicas insistem em manter. Sendo assim, um dos grandes erros de uma empresa é não procurar conhecer o mercado do público alvo que se pretende atender, já que os tamanhos que deveriam servir em um EXGG parecem mais PP, além da grade limitada e as campanhas com a ‘gordo padrão’, ou seja, existe a carência de identificação do público alvo, tanto em campanhas publicitárias quanto na escolha das vendedoras que nos atendem.

Quando se é uma mulher negra e gorda, essa falta de positividade é, por vezes, inexistente; é um corpo que é visível, mas, ao mesmo tempo, permanece na invisibilidade, diante de uma sociedade que constantemente se acha no direito de tomar as decisões sobre ele, como se fosse um favor permitir que o mesmo transite. Desde o ambiente familiar e através do bombardeamento midiático se reforça uma falsa ideia de que o valor de nossos corpos reside em nosso tamanho, em nossa aparência através de uma cultura nociva às mulheres diante de uma sociedade que incentiva a constante disciplina dos corpos, resultando, assim, uma decorrente higienização dos corpos.

O estigma da gordura recai fortemente sobre as mulheres, do qual ser gordo, apesar de ser uma característica física – assim como ser magra, alta ou baixa –, traz consigo uma carga simbólica excessivamente negativa, o que acaba por nos afetar, refletindo por vezes numa automutilação involuntária, com o intuito de se enquadrar no padrão vigente. É o anular e negar o próprio corpo, reagindo, também, negativamente no fortalecimento das estruturas psíquicas.

É por meio da estética também que muitas mulheres negras resistiram e resistem através da construção de movimentos de reafirmação da beleza negra além da valorização da autoimagem afro-brasileira, tornando-se, assim, uma maneira de resistência em meio à dominação hegemônica.

## 5. Os espaços cibernéticos e sua articulação no processo identitário e representatividade

Os pensadores Manuel Castells (1999) e Pierry Levi (2009) são duas referências no qual se baseia o estudo desse tópico, onde procuro entrelaçar visões de mundo adversos na relação dos grupos de coletivos sociais e novas formas de organização social onde as redes são os espaços de debates, interações e provocações.

Inicialmente, ao revisitarmos o intenso trabalho de Manuel Castells sobre sociedade em rede, nos deparamos com dimensões diversas nos debates sobre organização social em rede e, em especial, as redes de tecnologias sociais num mundo globalizado. Bem lembrado por Castells que viver em rede não é nenhuma novidade, pois, segundo o autor de *Sociedade em Redes*, as dimensões a que se refere em rede é bem mais antiga que pensamos, pois nas redes históricas, como ele mesmo remete ao termo, as comunidades já se organizavam de forma privada ou de forma primitiva. Ou seja, a sociedade em rede não estaria ligada, necessariamente, como conhecemos hoje – conectada tecnologicamente ou mediada por algum instrumento tecnológico –, e sim bastariam para isso que as sociedades estivessem organizadas seja numa feira, em um espaço ou até mesmo dentro de casa.

Uma rede, em termos gerais, pode ser considerada como um conjunto de pontos conectados entre si com o objetivo de fortalecer um sistema maior de compartilhamentos das características comuns entre os pontos. Sendo assim, as redes sociais a que me proponho estudar têm como pressuposto a organização de coletivos que possam dialogar com suas perspectivas de luta a partir da troca de informações, numa simbiose do espaço cibernético onde todos se fortalecem, e não num espaço de disputa ou marcação de territórios espaciais tomados no lugar comum das redes sociais.

É nesse sentido que tomo como exemplo os elementos que compõe as redes sociais, como *blogs*, canais no *Youtube*, páginas do *Facebook* e *Instagram*, que trancem a trajetória de mulheres negras e gordas e como muitas delas vêm sendo exemplo de representatividade para muitas outras através de suas vivências e criação de conhecimentos por meio de novas formas de narrativas e subjetividades.

Essas ferramentas do qual elas se dispõem são iniciativas individuais ou de uma parcela, de um grupo, mas que ao mesmo tempo podem ser vistas por todos e todas, num pequeno intervalo de tempo, e se viralizar. Tendo esse potencial de atingir toda uma massa, logo uma comunicação de massa, comunicação essa que não é comandada pela lógica do grande capital, sendo uma iniciativa autocomandada, independente de empresas; é o que Castells (1999) chama de comunicação de cima para baixo, a amplificação de pequenas redes baseadas em tecnologias da informação, ou seja, as redes horizontais.

É nesse sentido que essas redes são utilizadas como alternativas para desenvolver contra-hegemonias diante dos discursos que muitos dos *blogs*, redes, *sites*, canais de *Youtube* revelam e perpetuam: a busca por um corpo específico, modelado e que atenda aos interesses do mercado. Corpo esse que é estilizado e midiático, que se utiliza dos mais diversos artifícios que o mercado da saúde, da estética e, também, da tecnologia proporcionam, como aplicativos móveis (app) para dieta e exercício; as cirurgias de redução de estômago e afins. Os discursos também expressam essa urgência na busca pela transformação dos corpos gordos, corpos esses que, caso não se modifiquem, são sinônimos, diante desses canais, como inertes e ultrapassados.

É pensar, também, a ideia de representatividade nesses espaços, um conceito que carrega um sentido político e ideológico, cujo valor é notável pela qualidade e quantidade da sua interlocução com os representados, no sentido de ideias, opiniões que conduzem vontades e interesses dos mesmos, assim como a resolução de conflitos relacionados a determinado grupo que se manifesta através de reivindicações, propostas e lutas coletivas a fim de romper estereótipos e mudar as perspectivas.

Batalhas culturais são as lutas pelo poder da Era da Informação. São travadas basicamente dentro da mídia e por ela, mas os meios de comunicação não são os detentores do poder. O poder, como capacidade de impor comportamentos, reside nas redes de troca de informação e de manipulação de símbolos que estabelecem relações entre atores sociais, instituições e movimentos culturais por intermédio de ícones, porta-vozes e amplificadores intelectuais. (CASTELLS, 1999, p.89).

É notável, em muitas campanhas publicitárias, um padrão *Plus size*, logo, certo ideal de “corpo gordo” que passou a ser higienizado e padronizado, que é recorrente nas modelos utilizadas na maioria das lojas que dizem vender roupas para pessoas gordas. É um corpo que possui seios e quadris grandes, porém permanece com barriga, braços e rosto pequenos, além de uma surreal cinturinha. Ele existe para atender as regras de uma sociedade que, buscando vender um produto, precisa que ele não ameace as suas estruturas fundamentais – nesse caso, a gordofobia e o machismo. Assim, a moda *Plus size* se tornou um meio de segregar as gordas bonitas e “aceitáveis” daquelas que ainda são consideradas excessivas demais para terem seus direitos atendidos. Uma mulher negra e gorda, como ela realmente é retratada na capa de uma revista de grande publicação, ainda por cima trazendo à tona a questão da gordofobia, é algo que até tempo atrás não se via.

Pensar numa revolução tecnológica onde o mundo se ergue em direção ao crescimento de movimentos culturais e lutas por direitos, a Era da Informação acompanhada pelo crescimento da luta pelos direitos da mulher e, conseqüentemente, do feminismo, é também pensar formas de organização que se empoderam de reflexões acerca de seu papel diante do mundo digital ou do ciberativismo.

São em meio às redes sociais que a luta por visibilidade e representatividade desses corpos encontram articulação e se reverberam. Durante tal pesquisa, reuni uma série de postagens publicadas em grupos e páginas do *Facebook* de significativo alcance como o *Coletivo Gordas Livres*, *Gorda & Sapatão*, *Negrata Gordiva*, *Voz das Gordas*, *Relaxa aí*, *Fofa*, *Senhorita Gorda*, entre outras, a fim de recolher relatos, discussões, comentários e denúncias; e foi notável uma grande quantidade de postagens e relatos que giravam em torno da aceitação, mas também conflitos, além da gordofobia e do racismo *online*.

*Gordas Livres* é um coletivo *online* formado por quatro mulheres e desenvolvido por mulheres gordas para mulheres gordas, com o intuito de desconstruir a gordofobia e empoderar mulheres gordas. *Negrata Gordiva* é uma página que procura divulgar o empoderamento de mulheres gordas, tanto negras quanto brancas. *Gorda & Sapatão* é um *blog* pessoal com textos baseados na vivência de Jéssica Hipólito, uma mulher gorda, lésbica e feminista.

A metodologia utilizada para recolhimento desses dados no campo das redes sociais se desenvolveu, inicialmente, mediante uma pesquisa dos principais canais e redes de mulheres negras

que costumo acompanhar, nesse caso, já mencionado, nas plataformas do *Facebook*, *Instagram* e *Youtube*. Durante meses, foram recolhidas fotos, publicações, além da observação de relatos provenientes principalmente do *Facebook*, local esse onde as articulações em torno da estética costumam reverberar.

Um movimento que vem ganhando adeptos e notei em grande parte, se não todas, as pessoas gordas que venho seguindo nessas redes é o chamado “*body positive*”, expressão em inglês que, ao pé da letra, seria algo como “corpo positivo” ou “positividade corporal”, ou seja, um movimento que tem o intuito de fortalecer o amor próprio e pluralidade dos corpos, assim como suas belezas distintas.

Sendo assim, como a militância nos últimos anos com suas várias questões se instalaram, também, através de um novo ambiente de atuação, a internet, no qual a comunicação se estabelece por meio de diversas linguagens, sendo em texto, áudio, imagens, vídeo – esse último vem ganhando muito espaço, devido a ser uma das linguagens mais atrativas e de simples compreensão, no qual o *Youtube* acaba se tornando a plataforma mais utilizada.

## 6. Gordofobia e pressão estética na era virtual

Diante de uma sociedade de mercado, da qual a indústria do consumo vigora, padroniza, manipula, transforma e divulga imagens de sucesso e saúde associadas a corpos belos – nesse caso, associados aos corpos magros –, o corpo gordo, sobretudo do sexo feminino, tornou-se o alvo preferível de uma vigília constante.

Além do mais, o senso comum, sustentado e baseado em um discurso biomédico que valoriza a estetização da saúde – processo esse no qual são empregados critérios da medicina estética, da moda e da beleza construída nas academias como critérios para avaliar saúde –, acabam identificando o corpo gordo como obeso, corpo esse que é doente e que necessita ser emagrecido. Sendo assim, uma imposição que intensificam estigmas que prejudicam mais que a própria gordura.

O ambiente sociocultural e a mídia possuem forte influência acerca da imagem que nós sujeitos construímos sobre os próprios corpos e o corpo ideal que gostaríamos de ter. Nesse caso, se a imagem predominante e valorizada socialmente é vinculada ao corpo magro, emagrecer será o ideal de muitos, do qual aqueles que possuem dificuldades ou não conseguem alcançar tal ideal geralmente têm maior insatisfação e sofrimento, gerando uma série de conflitos.

A imagem corporal se constrói através do contato que o corpo adquiriu com experiências externas, corpo esse que acaba registrando e assimilando vivências, mas também marcas do tempo. Tal construção de imagem é uma experiência ativa, que se desenrola no decorrer do tempo, a partir das mudanças de olhar para o mundo, para os outros e para si mesmo.

Nesse sentido, explorar os discursos que viralizam em *blogs*, páginas e grupos de redes sociais e em de canais da plataforma *Youtube*, é dialogar com o universo subjetivo da gordura e revelar, elucidar sentidos naturalizados nas imposições, ditaduras e estigmas ao que concerne corpo. A escolha pelo espaço da internet foi justamente uma busca pelo que está sendo dito atualmente sobre o corpo gordo, discursos que excedem e repercutem nos mais diversos sentidos da linguagem atrelada à questão doença/saúde.

É necessário, ainda, ter noção da diferença de pressão estética e gordofobia, aquela remete a certo incômodo por aquela ‘gordurinha’ na barriga, se você vive um drama por conta de celulite, se

sente insegura por não parecer com as mulheres que aparecem na mídia no sentido de também se manter magra a qualquer custo e possui um medo constante de engordar. Já a gordofobia remete a um corpo preterido constantemente no decorrer de sua vida diária, sejam em oportunidades de trabalho, em suas relações nas mais variadas esferas sociais, devido à aparência. Uma batalha também no ambiente clínico já que, por vezes, médicos recusam-se a prestar o real atendimento daquele paciente, argumentando que o problema é devido ao peso, além de sugerir uma necessidade de emagrecimento. Assim, é recorrente pessoas se sentirem livres para questionar sua saúde, e, também, sua higiene e capacidade até mesmo intelectual.

O espaço cibernético exerce na contemporaneidade uma maneira de existência completa, por ser uma localidade de linguagem própria, munida de culturas e utopias, e possibilita o desenrolamento de um mundo imaginário dos mais diversos sentidos. Mundo do qual os limites são envolvidos e o corpo se torna invisível, uma espécie de zona de libertação das limitações do corpo, e a identidade permanece volátil.

É notável que em meio à Era das Imagens, nesse caso aquelas do fluxo das redes sociais, logo assim a imagem pessoal, ela se torna uma arma política do qual a internet ativa esse potencial. Uma rede social é feita por e para pessoas, sendo assim não permanece isenta do fenômeno da gordofobia, muito menos do racismo. A dimensão que a gordofobia opera no Brasil segue um tom sutil, que há algum tempo tem sido apontado e identificado por grupos organizados de militantes e intelectuais. Presente no ambiente *online*, o ciberespaço também tem se situado como um importante lugar de reação através de mobilizações e denúncias.

Um dos traços da gordofobia é a coisificação dos nossos corpos e a “fetichização positiva”, de modo que as grandes afetadas são as mulheres, e, se for pensar em mulheres negras, é notável uma hipersexualização já enraizada desse corpo, que é tratado como um brinquedo, como estepe, como um objeto.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

É necessária a reflexão de que a experiência de ser mulher e gorda não é universal, sendo assim, a maneira que se desenvolve a opressão, além da desumanização e marginalização desses corpos, serão distintas, logo, a importância do respeito aos locais de fala e se considerar os recortes de gênero, sexualidade e racial principalmente por serem pessoas gordas diversas do qual se vivenciam também a gordofobia de maneiras distintas, mesmo que compartilhem situações gordofóbicas semelhantes.

Através de narrativas e relatos no meio virtual e de pessoas próximas, foi evidente como as mesmas utilizam seus corpos como uma linguagem política e eficaz instrumento na luta antirracista, mas, sobretudo, na luta anti-gordofobia e de resistência cotidiana. Diante do que foi retratado até aqui, o corpo gordo sendo público, no sentido de ser visível diante dos olhares excessivos e julgamentos, é ao mesmo tempo emergente na invisibilidade de uma sociedade que reforça a ideia de que corpos gordos merecem estar ocultos, como se suas curvas gerassem um mal social, não possuindo, assim, o direito de transitar.

É nesse sentido que percebemos a importância da estética para essas mulheres, que, antes de tudo, também são negras, que passaram por um processo de negação e posterior autoafirmação diante do projeto, desde os tempos coloniais, de uma miscigenação como um instrumento eficaz de embranquecimento por meio de hierarquias estatais, ocasionando uma ausência identitária e

até mesmo confusão racial. Diante do aprisionamento de estereótipos sobre a população negra, foi destacado a forma que o racismo opera, e como o canal midiático, assim como as campanhas publicitárias, reforçam esse caráter.

Nesse aspecto, abordou-se como tem sido recorrente a organização coletiva através das redes virtuais, nas quais muitas dessas mulheres encontraram meios contra-hegemônicos de apresentarem não somente outra imagem do que é a negritude, mas também o que é ser gorda. Evidenciam-se cada vez mais projetos em páginas de redes sociais, ensaios fotográficos, no meio artístico e produções culturais que investem na imagem positiva desses corpos.

Sendo assim, foi ressaltado como as noções em torno da estética, atribuídas à sensação ou percepção, nos ensina precocemente a designar o que será atribuído como belo, carregando junto percepções e emoções que esse caráter do que é belo produz. Logo, essa percepção construída e influenciada socioculturalmente também poderá ser facilmente manipulada e questionada, resultando em ideais de beleza configurados ao longo da história, nesse caso, o eurocêntrico é tido como o exemplo a ser apreciado e atingido.

Diante da construção de padrões estéticos delineados por hierarquias, nesse caso, por raça e gênero, se estabelecem formas de dominação e opressão, logo, aqueles que serão admirados e os que serão excluídos, ocasionalmente ocorridos com o fenótipo negro, prevalecendo assim o ideal de beleza que é socialmente desejado: o branco e magro. Nesse aspecto, a estética em torno das minhas entrevistadas cria identidades estratégicas de visibilidade e ressignifica um corpo, que no momento em que se intitula como tal, a sociedade os atribui a uma carga negativamente simbólica.

## REFERÊNCIAS

BAIROS, Luiza. Nossos Feminismos Revisitados. *Estudos Feministas*, Ano 3, 2º Semestre, 1995.

BARRETO, Carol & SILVA, Leandro Soares da. *Moda: aspectos discursivos da aparência*. Universidade Estadual de Feira de Santana - número 31 -janeiro/junho 2015.

BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, 1987.

CARNEIRO, Sueli. *Enegrecer o feminismo: A situação da mulher negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero*. Artigo foi apresentado no Seminário Internacional sobre Racismo, Xenofobia e Gênero, organizado por Lolapress em Durban, África do Sul, em 27 – 28 de agosto. 2001

CASTELLS, Manuel. *A Era da Informação: economia, sociedade e cultura*, vol. 3, São Paulo: Paz e terra, 1999, p. 411-439

FOUCAULT, Michael. *O corpo Utopico*. Trad. Cepat. Página/12 (Buenos Aires), 29/10/2010 (1966). Disponível em: <[http://www.ihu.unisinos.br/noticias/38572-o-corpo-utopico-texto-inedito-de-michel-foucault#.Uc-c\\_xLbGa](http://www.ihu.unisinos.br/noticias/38572-o-corpo-utopico-texto-inedito-de-michel-foucault#.Uc-c_xLbGa)>

GOMES, Nilma Lino. *Sem perder a raiz: Corpo e cabelo como símbolos da identidade negra*. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

MAUSS, Marcel. As Técnicas do corpo. *In: Sociologia e Antropologia*. São Paulo, Cosac Naify, 2003.

MUNANGA, K. Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia. *In: Seminário Nacional Relações Raciais e Educação-PENESB*. Rio de Janeiro, 2003. *Anais*. Rio de Janeiro, 2004.

RIBEIRO, Djamilá. *O que é lugar de fala?* Belo Horizonte: Editora Letramento, 2017.

SALLES, Vicente. *O negro no Pará sob o regime de escravidão*. Belém, Pará: Programa Raízes, 2005.

----- . *O negro na formação da sociedade paraense*. Belém: Editora Paka-Tatu, 2015.